

0661

ALEPH 28740  
REY CLI 0224

CORREIO DO POVO

# CARMEN E A MORTE

(Especial para o "Correio do Povo")

REINALDO MOURA

Começamos a envelhecer pelas mãos. Na ilusão do tempo, vejamos como os dias naufragam em cada curva da luz, sem que as arestas de seus ângulos deixem um corte sensível na superfície de nosso corpo. Embora façamos parte desse tumulto entrando em luta pelas portas da noite, nada fica em nós, e continuamos. Os espelhos guardam para cada gesto a imperturbável amabilidade de um comércio de luxo.

Só as mãos nos atraíam. Um dia, pousando na lombada de um livro, acendendo o charuto, curvando uma carícia, erguendo no ar um gesto inesperado, as mãos nos revelam de repente a galopada do tempo. E durante um momento irrespirável ficamos a contemplá-las, pousadas sobre si mesmas como se fossem voar e se imobilizassem no espaço. Não são nossas, não fazem parte de nosso corpo, não pertencem a este pequeno universo pessoal diante de cujas máscaras nosso espírito oscila entre a fascinação e o amargurado desencanto. São uns pobres animais que assim, de repente, aparecem para confessar que as veias estão dilatadas, o sangue que os alimenta já atravessou meio século de contradições, a pele que os reveste não se desfaz mais das marcas que o mundo gravou a fogo frio em suas formas.

Cégo, o velho Camilo escrevia sentindo que se aproximava do fim: vou mineralizar-me. Essa mineralização começa pelas mãos, as mãos que são os pássaros dos homens, o princípio do vôo, a extrapolação da palavra que não pode dizer tudo e se prolonga no gesto como um discreto desespero. Mas há uma diferença entre os homens, uma diferença bem grande, como um espaço de abismo, entre a mulher e o homem, em tudo isso. Os homens em geral reascendem o charuto, dão de ombros, contam uma ane-

dota, e a vida prossegue na doce ilusão de cada instante que roubamos ao tempo físico entre blagues de otimismo. Os homens, vocês, homens, vocês não envelhecem, dizem as mulheres. O homem pode ter uma cara de pedra, a máscara atormentada da noite, um perfil de cavalo, e sobre tudo isso pode descer o silencioso e trágico luar da velhice. E será sempre um homem, afinal. Mas a mulher, só quando se aproxima dos homens pela profissão, pela capacidade, pela inteligência igual, só quando é uma Simone de Beauvoir, mas nem precisa tanto, quando se iguala economicamente à independência masculina, quando é uma lutadora qualquer como ele, só assim poderá escapar em parte à angústia de envelhecer. Porque em geral ela é um rosto, uma juventude de vida, o grave e musical momento em que se mostra ao mundo como a suprema realização de um corpo.

Mas Carmem Miranda partiu limpa e ágil, como a flecha súbita do instante. Esse é o mérito de sua morte, o prestígio intocável de sua vida. Naturalmente passará como todas as coisas, e amanhã ninguém mais se lembrará dela. Sua figura e seu nome irão aos poucos desaparecendo da memória sobrecarregada dos homens. Dentro de vinte anos aparecerá num detalhe de cronista, mas já será outra coisa. Sua significação só vale agora mesmo, hoje, nesta hora. Foi uma existência que não fermentou, que não sobreviveu ao próprio prestígio efêmero.

Essa morte assim num intervalo de canto, entre um ensaio e o perfume da noite, parece guardar o ouro noturno de sua vida fatigada de artista de uma arte complexa, onde entram todos os gestos agradáveis ao mundo.

Suas mãos não tiveram tempo de mergulhar no crepúsculo.